

O ENSINO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E GRAMÁTICA EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO

LUCIRENE DA SILVA CARVALHO (UESPI)¹

RESUMO

Apesar de muito discussão e teoria sobre variação linguística, nos últimos tempos tem se discutido ainda a importância da articulação entre o ensino de gramática e variação linguística em sala de aula, tendo em vista que na escola ao mesmo tempo em que trata da variação linguística dissociada do ensino gramatical, exige do aluno conhecimentos da norma padrão, exigindo destes uma reflexão pautada no uso correto de norma. Nesta abordagem, consideramos que tanto a variação linguística quanto o ensino de gramática exercem papéis basilares no processo de aquisição do conhecimento e ampliação dos horizontes cognitivos. Para isso, o professor de língua materna deve estar atento às modalidades existentes na base linguística, respeitando o contexto de vida do aluno e o seu papel como cidadão. O trabalho se apoia em autores que discutem questões relacionadas à variação linguística e ensino de gramática, dentre eles citemos Bagno (2001, 2003, 2010), Labov (2008), Fiorin (2007), Koch (2005), dentre outros. A pesquisa molda-se na técnica de pesquisa documental, na qual adotamos as pesquisas bibliográfica e qualitativa, visto serem consideradas fontes secundárias, que abrangem toda a bibliografia já tornada publicada em relação ao tema em análise, além de agregar a esta, a pesquisa qualitativa, que busca analisar e interpretar as informações colhidas nos autores, dando-lhes um tratamento objetivo e consensual.

Palavras-chave: Variação Linguística. Gramática. Sala de Aula. Ensino de Língua.

¹ Professora associada I, atualmente coordenada o curso de Letras/Português do Campus Poeta Torquato Neto, biênio 2020-2022, além de atuar como professora do Mestrado Profissional (PROFLETRAS) na mesma IES.. Email: lucirenesilva@cchl.uespi.br

INTRODUÇÃO

É consabido que variação linguística e gramática são duas vertentes de estudos muito discutidas nos dias de hoje. A maior parte destes debates esbarram na maneira com que estes assuntos são trabalhados na educação básica. Consideramos que estas temáticas, muitas vezes, não são trabalhadas de maneira adequada pelos professores dentro de sala de aula. A variação é inerente à língua. Em síntese, pensar em variação é admitir a organicidade linguística partindo do pressuposto de que todas as línguas variam. A isso se deve a necessidade de se discutir sobre ela em sala de aula.

No entanto, a gramática tradicional também ocupa um papel de extrema importância na sala de aula, pois embora estejamos fazendo uso corrente das variações, quando precisamos escrever uma redação, uma carta, um ofício, estar em uma entrevista de emprego, entre diversas outras situações, precisamos fazer uso da gramática normativa.

Como sabemos, a falha está no fato de as pessoas não compreenderem que é o contexto que determinará o grau de formalidade na linguagem. Não estamos aqui pensando em exclusões, mas em saber problematizar esses dois campos teóricos de modo eficiente, longe de quaisquer preconceitos linguísticos. Esse raciocínio se baseia na ideia de que temos que entender que o fenômeno de mudança da língua é uma razão de estudo e não de exclusão social (BAGNO, 2010).

Sabemos também que a gramática normativa é importante, e que os profissionais de língua portuguesa devem trabalhar esses conteúdos de maneira eficaz. Nessa ótica, concebemos que variação linguística e gramática são complementares, visto não haver língua sem gramática. O maior exemplo está na gramática internalizada, aquela que a criança aprende quando balbucia as primeiras palavras. Por mais que ela não saiba as regras que integram aquela língua, faz, no entanto, uso competente de várias de suas normas.

As línguas não vivem à deriva, elas precisam da gramática para existir, este é o x da questão. Pensar gramática e variação como complementares, auxiliaria muito mais o professor em seu ensino e conseqüentemente os alunos em sua aprendizagem.

A escola deve procurar mecanismos que possam manter uma relação entre ambas as partes de maneira que o ensino-aprendizagem seja beneficiado. Defendemos a ideia de que existe uma relação entre variação linguística e gramática, relação esta que propõe uma visão mais consciente

de nossa língua materna. Isso porque a gramática estrutura a língua. Logo, pensarmos em variação linguística é, antes de mais nada, pensarmos em uma mudança léxico gramatical.

2. VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

A linguística é uma ciência que procura observar e descrever os fenômenos linguísticos de uma dada língua, de línguas afins, ou das línguas em geral. É por meio de seus estudos que o falante irá observar a variação da língua presente em cada indivíduo, de acordo com a sociedade em que ele está inserido.

Dentre as várias vertentes linguísticas, enfatizamos, nesta abordagem, a Sociolinguística, área de investigações onde o eixo de estudo é a relação dicotômica linguagem versus sociedade. Conforme diretrizes da sociolinguística, a língua é um mecanismo puramente social, uma vez que é por meio dela que a sociedade se materializa. Por esta razão estão ligadas entre si de modo inquestionável.

Labov, o precursor desta linha de pesquisa, pontua que:

a base do conhecimento intersubjetivo na linguística (SIC) tem de ser encontrada na fala - a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos (LABOV, 2008, p.13).

Labov considera a fala como um elemento fundamental para prática comunicativa, já que é responsável por propor uma dimensão conversacional entre membros de uma dada comunidade linguística.

Por isso, é muito importante para nós, falantes da Língua Portuguesa, trabalharmos a variação da língua em sala de aula, de maneira que os alunos não se critiquem e respeitem a forma de falar de cada um, tendo em vista que a fala é um fator individual. Dessa forma, Bagno (2001) afirma que:

simplesmente não existe erro em língua. Existem, sim, formas de uso de línguas diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical. No entanto, essas formas diferentes, quando analisadas com critérios, revelam-se perfeitamente lógicas e coerentes. (BAGNO, 2001, p.25-26).

Partindo do princípio de que o Brasil é um país bastante amplo e possui diversas culturas em cada estado, sendo que esses estados são constituídos de diversas regiões, é comum que a língua falada apresente essa variação, por isso ficaria inviável criar regras gramaticais para cada região. Entretanto, devemos considerar que não temos vários idiomas, mas sim variações, pois pertencemos à mesma nacionalidade.

No que tocante à variação linguística, Fiorin (2007) assim se posiciona:

quando se fala em variação é comum fazer referência a Sociolinguística, essa área da ciência da linguagem que procura, basicamente, verificar de que modo fatores de natureza **linguística e extralinguística estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua – a fonética, a morfologia, a sintaxe e também no seu léxico**. A sociolinguística ocupa-se em desvendar a heterogeneidade, ou seja, a variação se organiza. (FIORIN, 2007, p.125; destaque nosso).

As ideias de Fiorin (2007) são fundamentais para discussão sobre a língua enquanto ferramenta de coesão social. O autor destaca que a variação da língua é resultante de um processo de natureza linguística e extralinguística. Isso significa dizer que as mudanças que ocorrem na base linguística de um idioma, muitas vezes, não encontram justificativa dentro da própria língua.

Essa concepção nos proporciona uma visão problematizadora de língua, situando-a em uma esfera pragmática, uma vez que o contexto em que opera é determinante para seu uso de maneira consciente. Portanto, esse raciocínio está diretamente relacionado ao princípio do interacionismo, em que a língua é construída na medida em que se constrói e se articula à situação de uso (MOITA LOPES, 2006).

Desse modo, a língua varia conforme fatores internos ou externos. Nesse último caso, a posição geográfica, social, cultural e histórica são condicionantes para uma variação linguística significativa.

Fiorin (2007) também analisa as variantes em diferentes níveis de gramática (fonético, morfológico, sintático e lexical). Essa percepção nos remete à questão estrutural de Saussure, não no que se refere à ideia de fala como ponto periférico, mas sim no que tange ao ponto de vista estrutural da língua. Isto é, se há uma variação da fala, automaticamente haverá também toda uma mudança na estrutura do vocábulo (morfologia), na relação deste vocábulo na linha sintagmática (sintaxe), o que resulta em

uma pronúncia também diferenciada (fonologia). A relação entre contexto e texto se encarregará de uma outra alteração (lexical).

Em outras palavras, a variação linguística é concebida como duas ou mais formas alternativas de dizer a mesma coisa no mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade. Levando em consideração o termo variável, decorrente da complexidade social e os processos de variação, o sociolinguista envida esforços para obter generalizações abstratas.

Assim, a classe de variantes constitui duas ou mais formas concretas de uso. Estas, quando ordenadas ao longo de uma dimensão contínua, são determinadas por uma ou mais variáveis independentes, de natureza linguística ou extralinguística. Daí ser necessário que os professores de Língua Portuguesa tenham conhecimento de que a linguística faz parte da vida de cada um e saibam como trabalhá-la dentro da sala de aula, de maneira a estimular o interesse dos seus alunos.

Para tanto, faremos referência, neste passo, ao papel basilar das práticas de letramento em sala de aula. É necessário levar em conta que a língua não é estática, e que suas mudanças de base linguístico-gramatical são consequências de um meio também em evolução, conforme acredita Bagno (2010). Com base nesse raciocínio, o aluno da educação básica será levado a perceber a organicidade da língua, o que o instruirá em situações comunicativas cotidianas nas situações reais de uso.

3. GRAMÁTICA NORMATIVA

A gramática normativa não deve ser deixada de lado, como muitos acreditam, pois corresponde a uma sistematização de procedimentos linguísticos também característicos de certo tipo de uso da língua portuguesa em nosso país.

A compreensão produtiva do relacionamento entre variação linguística e gramática normativa só será possível se a entendermos também como uma variação de nossa língua, conforme Bagno (2001). Todas as línguas possuem sua gramática. Dessa forma, dentro da gramática tradicional, estudaremos regras que são naturalmente exercidas pelos usuários da língua de maneira inconsciente. Isso nos ajuda a organizar a formalidade de nossos discursos, desde que o professor de língua materna procure relacioná-la às diversas práticas discursivas em que o aluno se encontra diariamente.

A sociolinguística, embora respeite e reconheça a usualidade das variações, reconhece que a escrita deve ser formal, ou seja, embora se

fale “fror”, na escrita o aluno deve lembrar que a forma adequada é “flor”. Aceitar a primeira forma de escrever, não quer dizer que a sociolinguística induza ao “erro”, significa dizer que esta reconhece as diversas formas linguísticas disponíveis em nosso repertório verbal, e não nega à gramática, como muitos leigos podem pensar. Nessa perspectiva, Bagno (2001) salienta que:

a gramática tradicional foi avançando, conquistando terreno, impondo seu domínio: a partir de um pequeno setor do universo total da língua, a gramática tradicional saiu ‘colonizando’ todo o resto, criando um império de ideias, noções e preconceitos sobre o que é ou não é ‘língua’, que perdura quase inalterado até hoje no senso comum. (BAGNO. 2001, p.17).

A reflexão de Bagno nos faz refletir a respeito da proporção do senso comum, o qual parece ainda pairar na mente de muitas pessoas. Em momento algum, a Sociolinguística e a Linguística Aplicada condenam o ensino de gramática, mas sim a maneira prescritiva que vem sendo introduzida na educação básica. Essa forma de ensino alimenta as concepções do senso comum e dificulta cada vez mais uma prática de ensino em que é (im) possível relacionar gramática e variação linguística.

Dessa feita, embora para muitos linguistas a gramática tradicional seja considerada como uma forma de preconceito, ela não pode ser descartada da linguagem, da Língua Portuguesa. Entretanto, é preciso que o professor saiba trabalhar a gramática, já que tem um papel importante para os estudos da linguagem. No entanto, é pertinente enfatizarmos a ideia de um ensino de gramática em que o aluno é levado a relacionar o elemento gramatical e sua função no texto.

Esse ponto de vista converge com as propostas de letramento, tendo em vista que o elemento gramatical tem uma função no texto, função esta que culmina na produção de enunciados discursivos maiores. Para atender a esta especificidade, propomos um ensino de gramática voltado à prática de leitura e escrita, de maneira a induzir o aluno a uma escrita mais consciente e consistente, longe de um raciocínio periférico e alienado do uso gramatical.

3.1 Gramática e Variação: uma proposta de reflexão da atual conjuntura do ensino

Partindo das ideias de Bagno (2001), para se trabalhar a gramática tradicional dentro de sala de aula, é necessário partir do princípio que essa gramática não é algo fechado. Assim, é comum que as mudanças ocorram, lembrando, claro, que nosso país está repleto de diversidades culturais, diversidades essas que fazem com que os nossos falares sejam diversificados. Historicamente, há muitos imigrantes que foram transportados para o nosso país no passado, além da grande quantidade de indígenas que nele residem. Dessa forma explica-se a existência de tantas variedades linguísticas.

Bagno (2001) pontua ainda que:

[...] é preciso, sim, deixar de ver a gramática tradicional como uma doutrina 'sagrada' e 'infallível' para que os estudos gramaticais possam voltar ao seu lugar de origem: o da investigação do fenômeno da linguagem, o da tentativa de compreender a relação entre língua e pensamento, o do exame das relações que as pessoas estabelecem entre si por meio da linguagem, etc. em suma, empreender o estudo da gramática nas línguas dentro de uma perspectiva científica, de acordo com os conceitos modernos da ciência. Para isso, temos de parar definitivamente de ver GT como se nela estivesse contida a verdade absoluta e incontestável a respeito da língua, como se ela fosse um conjunto de leis intrinsecamente, boas e justas, como se desobedecer a tais leis fosse um crime contra a língua. (BAGNO, 2001, p.22).

Entretanto, é importante que se esclareça que embora estejamos nos referindo ao Brasil, todas as línguas² variam, pois onde há pessoas, há variação. por essa razão, a diversidade linguística não é um fenômeno unicamente local, daí a heterogeneidade ser inerente a qualquer língua. Bagno (2003) ainda ressalta que:

A língua falada é um tesouro onde é possível encontrar coisas muito antigas, conservada ao longo dos séculos, e também muitas inovações, resultante das transformações inevitáveis por que passa tudo que é humano e nada mais humano do que a língua [...] (BAGNO, 2003, p.24).

2 Neste caso em especial, usamos a palavra língua em substituição à palavra idioma.

Dessa forma, é necessário que o professor de Língua Portuguesa traga para dentro da sala de aula textos que sejam de autores variados, de variados momentos históricos, escritos de acordo, ou não, com a gramática tradicional, e também textos regionais, textos, enfim, em que se demonstrem, amplamente, portanto, características específicas de uma localidade, de grupos e de épocas.

Isso, conseqüentemente, fará com que o aluno veja o seu contexto de vida e, assim, possa conhecer as mais diversas facetas de sua língua materna. Dessa maneira, também, o professor despertará um maior interesse discente, induzindo-o a procurar fazer paralelos entre o texto escrito, de acordo com a gramática tradicional, e o texto não escrito assim, entre o texto de uma e de outras regiões, entre os textos do presente e do passado e assim por diante.

De outro modo, é necessário mostrar que as diferenças culturais geram diferenças na fala de cada indivíduo, apontando que não existe o certo e o errado quando se fala do uso de línguas. Entretanto, é preciso levar em conta fatores situacionais de uso linguístico, isto é, fatores exofóricos que solicitam uma linguagem mais específica. Em outras palavras, no momento do uso linguístico, é imprescindível considerarmos o contexto do texto, para nos adequarmos à situação comunicativa.

Outra forma de fazer com que o aluno tenha um maior conhecimento sobre a gramática tradicional e sobre a variação da língua é estimular a leitura. Todavia, para incentivar o ato da leitura é preciso partir não apenas do professor, mas também dos pais dos alunos. Neste caso, no processo de formação de um aluno leitor, escola e família, juntos, desempenham funções precípuas, que alavancarão leitores em potencial.

É a partir dos primeiros anos de idade que o indivíduo irá demonstrar, ou não, esse interesse em ler. É necessário também que o aluno seja motivado a interagir com leituras construtivas para o seu futuro, pois é fato que, para haver uma melhor compreensão de um determinado texto, é preciso que haja um envolvimento deste com o leitor. Koch (2006) reforça que:

neste nosso percurso, destacamos que a leitura é uma atividade que solicita intensa participação do leitor, pois, se autor apresenta um texto incompleto, por pressupor a inserção do que foi dito em esquemas cognitivos compartilhados, é preciso que o leitor o complete, por meio de uma série de contribuições. (KOCH, 2005, p.35).

Koch (2005) discorre sobre o assunto pelo viés da interação entre leitor e texto. Nesta concepção, a construção de sentido não é algo cabível

somente ao texto, mas também a quem o lê, tendo em vista que quem o decifra simultaneamente lhe atribui significações, resultado de seu contato direto como mundo que o cerca.

Tendo por base a variação da língua, entendemos que este é um assunto que está tomando cada vez mais espaço na sociedade e nas discussões acadêmicas. É importante que o professor se disponha a pesquisar mais sobre o assunto, uma vez que o professor é o “agente de letramento”. Isto é, o profissional docente deve estar sempre em contato com diferentes práticas discursivas, procurando estabelecer um fluxo contínuo entre teorias e sua prática em sala de aula (BORTONI-RICARDO et al, 2010; KLEIMAN, 2009; SIGNORINI, 2006).

Há de se considerar também a dissonância entre as teorias vistas nos cursos superiores e o sistema educacional das escolas de ensino básico. Teoricamente, nas universidades, no decorrer da licenciatura em Letras, o desenho curricular dos cursos tem proporcionado grandes conhecimentos no que se refere à linguística.

Contudo, quando o professor se depara em sala de aula, se vê obrigado a trabalhar apenas a gramática tradicional. Dessa forma, é preciso que as escolas reformulem os seus conteúdos programáticos, dividindo melhor o que deve ser trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa. Este fato é preocupante sobretudo porque dentro dessa divisão temos que apresentar aos alunos noções básicas de linguística, gramática tradicional, literatura e produção textual.

Esse excesso de conteúdos acaba tumultuando o trabalho docente, levando o professor a não dar a devida atenção para nenhuma dessas vertentes de estudo, mesmo tendo em mente que todas são altamente complementares.

Ao levar em consideração que a linguística e a gramática devem ser trabalhadas juntas dentro de sala de aula, faz-se necessário que as escolas disponibilizem mais recursos para que o professor possa trabalhar de forma eficaz.

Primeiramente deve haver uma mudança nos livros didáticos. Não temos a intenção de denegrir a imagem dos referenciais didáticos, tampouco fechar os olhos para sua evolução, uma vez que tais livros vêm melhorando cada vez mais. O fato é que, ainda com todo esse progresso, os livros didáticos estão longe de ser o melhor recurso utilizado pelos professores com seus alunos dentro de sala de aula.

Com base na BNCC (2018), no componente Língua portuguesa do ensino Fundamental dos anos finais, há expressamente explicitado, que é papel da escola ampliar:

o contato dos estudantes com os gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas em direção a novas experiências. (BRASIL, 2018, p.136)

Conforme a BNCC (2018), o ensino deve ocorrer a partir de dados o mais próximo possível da realidade do aluno, tendo o texto como eixo fucral para o aprendizado efetivo desse aluno. Isso deve ser conduzido de uma maneira que ele se identifique com mais propriedade do discente e assim desenvolva sua cognição.

Outrossim, o pensamento transposto acima ilustra uma proposta para que a escola desenvolva artifícios que a auxilie nessa tarefa. Trata-se de fazer o aluno a ter uma postura investigativa do professor, instigando-o a procurar em outras fontes textos que sejam interessantes aos membros da comunidade linguística em que atua.

Para que isso seja real na prática docente, o professor deve abandonar o uso exclusivo do livro didático. Isso o torna um profissional com uma visão unilateral, o que diverge das propostas mais contemporâneas de metodologias aplicadas à educação. Tratando-se especificamente no ensino de gramática e variação, o uso único do livro didático como ferramenta metodológica induz, tanto o aluno quanto o professor, a nutrir uma concepção de gramática fundada no senso comum. Com isso, a ideia de que a gramática é a mais absoluta representação da norma culta, portanto algo não infringível, ganhando força e se perpetuando nos bancos escolares.

Nesse contexto, essa falsa concepção predomina nas instituições de educação básica por conta do culto ao livro didático, pois, não obstante algumas mudanças, estes materiais ainda não garantem um ensino reflexivo, sem estereótipos.

É preciso que o professor utilize outras formas para trabalhar o conteúdo, não se prendendo assim apenas aos recursos que as escolas disponibilizam, buscando sempre renovações que os auxiliem no processo de ação docente.

Sabemos, entretanto, que estudar a língua é um desafio para os pesquisadores. No que tange ao ensino de língua materna, esse desafio nos

parece ainda maior, uma vez que dentro da linguística existem noções muito variadas, mas todas de extrema importância para o cotidiano de sala de aula.

Algumas dessas noções encontram-se no campo de estudos da Sociolinguística, por estudar a fala induzindo-nos a articular esta manifestação linguística com seu contexto social o que é fascinante, mas ao mesmo tempo difícil.

O discente deve perceber que cada indivíduo possui a sua própria maneira de falar, que a fala que aprende com os seus pais sofre influências extralinguísticas no que se refere às regiões, aspectos culturais e ao contexto onde o indivíduo está inserido na sociedade, o que conduz todos a adquirir uma maneira singularizada de falar.

No entanto, a fala não é criada, e sim desenvolvida pouco a pouco. Por tal motivo, quando os alunos chegam à sala de aula e encontram pessoas que falam de diversas maneiras é comum que se sintam confusos.

Dessa forma, o professor deve se utilizar da diversidade na fala dos seus alunos para mostrar como a gramática é algo importante, e caso ela fosse descartada de vez das aulas de Língua Portuguesa, o professor teria que estudar as estruturas gramaticais na fala de cada aluno, o que seria uma tarefa quase impossível.

Sabemos, outrossim, que as salas de aula da educação básica pública no Brasil possuem em média quarenta alunos, todos oriundos de famílias diferenciadas. Logo, trazem consigo hábitos singulares adquiridos no seio familiar, o que se torna evidente no modo de falar, de se portar, de se comunicar.

É fato que não existe sala de aula homogênea, por este motivo, nesta abordagem, lançamos mão da concepção de heterogeneidade para explicar que o universo escolar é atravessado por linhas transversais de cultura, o que chamamos de multiculturalismo³. O professor deve saber lidar com essas diferenças, optando por um ensino de inclusão, onde a prioridade é incentivar o desenvolvimento das práticas de letramento dos discentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas aulas de Língua Portuguesa, temos que trabalhar, portanto, a variação da língua, mas jamais descartar a gramática tradicional, pois

3 Nesta abordagem, adotamos a noção de multiculturalismo em Knechtel (2003).

ambas são de suma importância e devem ser utilizadas juntas dentro de sala de aula. O professor deve procurar um ponto consensual entre ambas, para que não reproduza um ensino fundado em exclusões e preconceitos. Isso significa dizer que a variação da língua e a gramática tradicional devem caminhar lado a lado, já que ambas são importantes a uma visão científica de nossa língua materna.

Mas para que isso aconteça da melhor forma possível, a escola deve adotar uma postura de ensino reflexivo, no qual o discente seja levado a raciocinar sobre as várias manifestações discursivas da língua.

Para isso, tanto o ensino gramatical, quanto o ensino das variantes linguísticas devem ser voltados às práticas de letramento no ambiente institucional, tendo em vista que a escola é uma entidade social, onde é possível ter contato diário com gêneros discursivos plurais.

Neste sentido, as mudanças ocorridas na base gramatical da língua devem ser entendidas pelos alunos como mudanças naturais de uma linguagem em constante evolução no interior mesmo dos gêneros textuais. Logo, não podemos separar os ensinamentos dos gêneros discursivos, dos gramaticais e dos variacionistas.

É preciso que não vejamos a gramática tradicional como uma forma de preconceito e sim como um conhecimento a mais que levaremos conosco em nossa vida hodierna. Assim, a variação linguística não deve ser vista como uma forma de preconceito, pois é um fenômeno que faz parte da cultura de cada falante. Nesse contexto, devem ser consideradas como parceiras, ambas ocupando um papel de extrema importância na vida de cada um de nós. Por isso, devemos trabalhar tais assuntos de maneira mais eficaz, não demonstrando, por conseguinte, nenhum tipo de preconceito, nem com a gramática tradicional, nem com variação linguística, estão irmanadas com o mesmo propósito: o ensino de língua materna.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A norma Culta da Língua & Poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editora, 2003.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim. Em defesa do Português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro**. São Paulo: Parábola editora, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris [et al]. **Formação do Professor como Agente Letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto editora, 2007.

KLEIMAN, Ângela. Projetos dentro de projetos: ensino-aprendizagem da escrita na formação de professores de nível universitário e de outros agentes de letramento. IN.: **Revista Scripta**, 2009. V. 13, n. 24, p. 17-30.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Multiculturalismo e Processos Educacionais** – Curitiba: FACINTER, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A Coesão Textual: Mecanismos de Constituição Textual, a Organização do Texto, Fenômenos de Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2005.

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Introdução: Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica – Interrogando o Campo como Linguista Aplicado. IN.: _____(org). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SIGNORINI, Inês. Prefácio. IN.: _____ (orga). **Gêneros catalisadores: letramento & formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.